

Esclarecendo a importância do professor, do tutor e da coordenação na EAD

HENRIQUE SÉRGIO BARROS CAVALCANTI JÚNIOR *

Resumo

A literatura sobre Educação a Distância sugere o aluno como um ator importante, que possui o papel principal no processo educacional. Por consequência, vários trabalhos enfatizam as dificuldades, habilidades e percepções dele na EAD. Todavia, isso não significa que os outros atores não sejam importantes. Assim, o presente trabalho procura, por meio de uma revisão bibliográfica, explicitar a relevância que também possuem o professor, o tutor e a coordenação na Educação a Distância.

Palavras-chave: EAD; professor; tutor; coordenação.

Abstract

The literature about Distance Education suggests the learner as a relevance actor, who has the main role in the educational process. As a consequence, several papers emphasize the difficulties, abilities and perceptions of him on DE. However, it does not mean that the other actors are not important. Thus, this paper aims, through a literature review, clarify the relevance that also have the teacher, the tutor and the administration in Distance Education.

Key words: DE; teacher; tutor; administration



* **HENRIQUE SÉRGIO BARROS CAVALCANTI JÚNIOR** é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPE.

Introdução

A demanda por educação contínua para adultos, junto com a demanda por educação de uma forma geral, cresce vigorosamente ao redor do mundo (HANNA, 2003). Em tal contexto, há uma forte pressão nas instituições educacionais, em especial as de ensino superior, para que sejam mais criativas e inovadores, providenciando o máximo de acesso com eficiência.

É dentro desse contexto de aceleradas transformações que se insere a Educação a Distância (EAD). As discussões em torno dessa modalidade educacional vêm assumindo proporções cada vez mais amplas. Surgem cursos de variados conteúdos, tendo como foco os mais variados públicos e com distintos objetivos.

Com propostas diferentes da educação presencial, é nítido que os cursos à distância necessitam de perspectivas organizacionais distintas (ROESLER; SARTORI, 2004). Em parte, isso se deve à necessidade de comportar equipes multidisciplinares e especializadas, que trabalham com um alto grau de independência (CASTRO; LADEIRA, 2009), além das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), as quais tornam as atividades mais dinâmicas (NASCIMENTO et al., 2011). Contudo, muito mais do que as estruturas, os sujeitos e as práticas que se inserem na Educação a Distância são diferentes. Entre as reformulações está a postura, as crenças e as habilidades que os docentes e alunos devem ter, as quais são completamente distintas das que são necessárias no ensino presencial. Assim, em princípio, o crescimento da EAD implica mudanças culturais (MOORE; KEARSLEY, 2011).

No cerne dessas conjunturas, a literatura traz o aluno como um ator de grande

relevância, dispondo de uma maior autonomia e necessitando ter uma postura mais madura do que no ensino presencial (BELLONI, 2002, 2009). Contudo, mesmo com esse personagem vindo a ganhar uma maior ênfase, isso não significa que o professor perca sua relevância (BELLONI, 2009), ou mesmo outros atores como o tutor e a coordenação não possuam importância. Esses detêm, cada um, sua relevância no sentido de que contribuem diretamente para a qualidade de um curso de ensino à distância.

O Conceito de EAD

A Educação a Distância apresenta uma longa história, existindo desde o século XIX na Europa e nos EUA. Surge como alternativa à demanda por conhecimentos profissionais para pessoas que estavam distantes dos grandes centros ou que não tinham recebido um aprendizado adequado (MILL et al., 2008). Segundo Siqueira e Moraes (2003), pode-se dividir o histórico da modalidade educacional em três fases. A primeira delas, surgida em meados do século XIX, tem como característica prima o texto impresso enviado por intermédio do correio. Na segunda geração, com início nos anos 60, passa-se a utilizar o rádio e a TV de modo integrado ao meio impresso. Finalmente, a abertura da Internet, a partir dos anos 90, traz novo alento à Educação a Distância, configurando a chamada terceira geração, ou seja, aquela feita por meio das redes informatizadas.

Belloni (2009) coloca que as definições tradicionais de EAD baseiam-se no parâmetro da sala de aula, enfatizando a distância em termos de espaço físico entre o aluno e o professor, e o uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Todavia, ao se falar de EAD, a ideia de auto-aprendizagem também é crucial. Assim, a partir dos

anos 90, desenvolve-se o conceito de Aprendizagem Aberta e a Distância (AAD) que, embora denote aspectos tradicionais da modalidade, como a separação professor-aluno e uso das TIC, procura enfatizar também a auto-aprendizagem de adultos, livre no tempo e no espaço; e acessibilidade ao sistema educacional a qualquer hora (BELLONI, 2009).

Conforme Almeida (2003), Educação Online, EAD e *E-learning* são muitas vezes utilizados como termos congruentes sem o serem. Primeiramente, a EAD pode se realizar pelo uso de diferentes meios (correspondência, rádio, televisão, telefone, fax, internet, etc.) ou técnicas que possibilitem a comunicação e abordagens educacionais. Já a Educação Online é a modalidade de Educação a Distância realizada especificamente por meio da internet, cuja comunicação ocorre de forma síncrona ou assíncrona. Tanto se pode utilizar a internet para distribuir rapidamente as informações como se pode fazer uso da interatividade propiciada por ela para concretizar a interação entre as pessoas. É basicamente a terceira geração de EAD apontada por Siqueira e Moraes (2003). Por fim, o *E-learning* é uma modalidade de EAD, com suporte na internet, que se desenvolveu a partir das necessidades de empresas. Ele surge dentro de um contexto permeado pelo volume crescente de informações e pela alta demanda por programas de treinamento, virando uma forte via para a capacitação dos membros das organizações empresariais (JOIA; COSTA, 2007).

A Redefinição de Papéis na EAD

Conforme Hanna (2003), com o advento da EAD é inevitável que aconteçam mudanças nas práticas organizacionais devido ao desenvolvimento de novas

estruturas pedagógicas e modelos tecnológicos. Para Novais e Fernandes (2011), a EAD interfere de forma significativa no ensino presencial, representando um paradigma emergente. Assim, há a necessidade de mudanças culturais e institucionais, uma vez que se modificam relações tanto entre docentes e discentes, como entre saberes e regras institucionalizadas (MILL et al., 2010; NOVAIS; FERNANDES, 2011). Entretanto, é difícil fazer mudanças amplas ou pelo menos criar o espírito que a EAD precisa, pois as pessoas tendem a defender suas condições (LEVY, 2003). Nesse contexto, Belloni (2009) ressalta que o campo da educação é resistente a mudanças.

Como aponta Levy (2003), um curso de EAD não pode ser executado pela imagem de programas tradicionais oriundos da perspectiva presencial. A estrutura administrativa, o serviço de apoio aos estudantes, a tecnologia de suporte, todos esses precisam ser analisados e, no mais das vezes, modificados com vista a uma implantação adequada de um curso a distância (LEVY, 2003; MILL et al., 2010).

Todavia, para Novais e Fernandes (2011), as instituições brasileiras que atuam na modalidade a distância ainda não constituem um campo organizacional, já que não se tem o desenvolvimento de uma consciência comum entre os participantes, mesmo sobre os pontos cruciais da modalidade de ensino. Assim, segundo os autores, um contexto educacional que não se desenvolve articulado por construções coletivas, ainda que possua regras e estruturas que tendem a se assemelharem, não consegue institucionalizar práticas.

O Professor

Conforme Belloni (2009), uma das situações mais polêmicas que se tem na EAD é com relação ao papel do professor, chamado a desempenhar múltiplas tarefas, para muitas das quais não foi preparado. Para ele, não cabe só disponibilizar as informações, mas também interagir. Atualmente, este ator deve interagir com o aluno e ambos serem emissores e receptores, estabelecendo uma relação de construção em comum (BELLONI, 2009; TAROUÇO; MORO; ESTABEL, 2003).

Segundo Oliveira *et al.* (2007), a função do professor é também a de coordenar o processo instrucional. O papel dele é entender que o conhecimento não é estático e que seus alunos deverão ser preparados com discernimento e independência diante de um mundo que se transforma constantemente (TAROUÇO; MORO; ESTABEL, 2003). Nesse novo modelo de educação, desempenham mais o papel de facilitadores do que de especialistas, pois os cursos serão menos estruturados e mais personalizados (MAIA; MEIRELLES, 2003).

Por outro lado, o uso de múltiplos recursos tecnológicos torna o ensino segmentado em múltiplas tarefas, sendo esta segmentação a característica principal da EAD (BELLONI, 2009). Nisso, o professor tem que ser também um tecnólogo educacional capaz de adequar o conteúdo aos meios técnicos (CONCEIÇÃO; SILVA; PAGOTTO-EUSÉBIO, 2011). Os professores não precisam apenas possuir conhecimento da área que vão ensinar, mas também ter habilidades no uso das TIC (LEVY, 2003).

É importante colocar, contudo, que mesmo não se encontrando tão ao centro do palco como no ensino presencial, os

professores continuam sendo figuras estratégicas para mudanças no sistema educacional. Dessa forma, novas perspectivas e inovações tem que ser desenvolvidas para que o professor pesquise e seja reflexivo sobre as suas práticas (BELLONI, 2009).

O Tutor

Mill *et al.* (2008) apontam que, com o desenvolvimento da EAD, surgem novos personagens no trabalho docente, a exemplo da figura do tutor, talvez o elemento mais importante na modalidade. Ele é um docente, mas não é um professor, pois não dá aula. Sua função é a de acompanhar os alunos no processo de aprendizagem. Assim, o tutor torna-se importante no estímulo, motivação e socialização do estudante. Em outras palavras, a qualidade de seu trabalho é primordial na aprendizagem desse último. A relação com o aluno pode chegar a ser tão próxima, que o tutor passa a refletir a imagem da instituição educacional (MILL *et al.*, 2008).

Vale também dizer que o tutor embora possa assumir o papel, não é um mentor. Esse faz a mediação educativa de forma mais autônoma, sendo a relação com os alunos de um a um (MILL *et al.*, 2008). Segundo Roesler e Sartori (2004), a atuação do tutor, como interlocutor, permite a avaliação permanente do processo educacional. Pois sua interação com os alunos e materiais didáticos faz com que a instituição permaneça atenta ao desenvolvimento e qualidade do curso.

O desafio permanente é o de superar a distância e escolher o tom mais adequado, simples e amistoso para orientações e cobranças no processo de aprendizagem do aluno (ROESLER; SARTORI, 2004).

Zuin (2006), porém, advoga que o tutor não pode simplesmente absorver os conhecimentos transmitidos pelos professores. Ele deve se permitir, cada vez mais, a ousar saber, o que implica o questionamento desses conhecimentos. Segundo o autor, os tutores não podem ser identificados como recursos, mais sim como profissionais que têm um papel decisivo no processo educacional.

Conforme Alonso (2010), parece ser muito tênue a fronteira entre o trabalho do tutor e do professor. Na perspectiva da autora, muitas vezes, é possível verificar que ao tutor fica destinada a maior parte das atividades de ensino, além do atendimento mais próximo aos discentes. Um dos problemas relacionados a isso é que o tutor não tem profissionalmente o reconhecimento compatível com suas atribuições, as quais não são poucas.

A Coordenação

Segundo Moore e Kearsley (2011), a complexidade das atividades administrativas na EAD varia de acordo com a natureza da instituição. Há basicamente dois tipos. O primeiro é o da instituição de finalidade única, totalmente dedicada ao ensino a distância, nela todo o corpo docente e os colaboradores se dedicam exclusivamente à EAD. Como exemplo, pode-se apontar as Universidades Abertas. O segundo tipo, que na visão dos autores aparenta ter uma maior aceitação, é a instituição de finalidade dupla, onde se agrega o ensino a distância juntamente com o já tradicional ensino presencial, com o corpo docente atuando nas duas modalidades. Nesse segundo caso, o que ocorre frequentemente é a criação de uma unidade de apoio exclusiva para as atividades de Educação a Distância.

Conforme Moore e Kearsley (2011), após serem nomeados e treinados, os professores e demais colaboradores (auxiliares administrativos, coordenadores, secretários, tutores, *webdesigners*, etc.) devem ser monitorados e avaliados para assegurar a qualidade do trabalho. Contudo, a ideia de ser controlado sistematicamente não é tão bem compreendida na área acadêmica como é no mundo empresarial. Mesmo assim, é importante. Os autores advogam então a necessidade de criar mecanismos para colher dados, e avaliá-los, de modo que possam ocorrer intervenções visando ao treinamento adicional, quando forem identificados pontos fracos dentro do curso.

Antes de tudo, porém, é importante que o coordenador esteja atento para o fato de que a modalidade é bem mais dinâmica do que a educação presencial. Pois há uma maior fragmentação das funções e pulverização dos saberes necessários para execução das tarefas, o que exige atenção especial por parte do coordenador para que ocorram articulações adequadas entre os colaboradores envolvidos (MILL et al., 2010).

Conforme Eliasquevici e Prado Junior (2008), as dificuldades ligadas à decisão e à execução das tarefas dos coordenadores dentro de um curso à distância tornam-se claras quando se vislumbram as complexidades advindas do alto número de colaboradores, com características distintas, envolvidos.

Moore e Kearsley (2011) ainda colocam que é importante o acompanhamento dos desenvolvimentos tecnológicos, por parte dos coordenadores, de modo que as novas tecnologias possam ser inseridas nos cursos no intuito de trazer uma maior eficiência, tanto para as práticas pedagógicas, como para os procedimentos administrativos.

Em princípio, há pouca literatura sobre coordenadores na EAD. Entre as poucas pesquisas empíricas recentes, é possível citar o trabalho de Duran *et al.* (2012), que apontam perfis e formações variadas entre os coordenadores de polos, e a investigação Battistella *et al.* (2012), que inferem que as atribuições estabelecidas pela legislação de EAD para coordenadores de curso, relativas ao acompanhamento do curso, são cumpridas parcialmente e as interações desses atores com os outros profissionais, como professores-tutores e professores-titulares, são esparsas.

Considerações finais

A EAD é uma modalidade de ensino-aprendizagem complexa, que envolve uma série de atores, os quais possuem uma série de habilidade e deveres distintos (MOORE; KEARSLEY, 2011; SABA, 2003).

O professor tem o papel de coordenar a aprendizagem autônoma por parte dos discentes. Ele passa a ser um facilitador que, todavia, ainda deve manter a interação com seus alunos. Nisso, a capacidade de trabalhar com as TIC e adaptar o conteúdo de ensino aos AVA é uma competência necessária.

Já o tutor é uma figura nova na docência, que tem grande importância devido ao fato de ser o ator que tem maior nível de interação com o aluno, sendo responsável pelo estímulo, acompanhamento e socialização desse. Todavia, o tutor não deve, de forma alguma, possuir uma postura passiva frente aos conhecimentos recebidos dos professores. A atitude crítica é necessária, pois, constantemente, a linha que separa o tutor dos professores é tênue.

Por fim, pode-se dizer que a coordenação da EAD é bem mais complexa e

imprevisível do que a do ensino presencial. Além do coordenador de curso, ainda há a figura do coordenador de professores, do coordenador de tutores e do coordenador de polo. Mesmo com suas especificidades, todos têm em comum a tarefa de articular e controlar uma série de colaboradores com tarefas fragmentadas.

Espera-se ter introduzido os papéis do professor, do tutor e da coordenação e esclarecido a importância deles para o funcionamento com qualidade de um curso de ensino à distância. Defende-se aqui a necessidade de mais pesquisas sobre eles (principalmente sobre a coordenação), já que a EAD é uma modalidade que cresce muito no mundo inteiro e possui dinâmicas próprias que se misturam com o contexto institucional e social já estabelecidos, dos locais onde surge, criando fenômenos singulares.

Referências

- ALMEIDA, M. E. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 2, p. 327-340, 2003.
- ALONSO, K. M. A expansão do ensino superior no Brasil e a EaD: dinâmicas e lugares. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 113, p. 1319-1335, 2010.
- BATTISTELLA, L. F.; ARENHARDT, D. L.; GROHMANN, M. Z. A Educação a Distância e as Atribuições do Coordenador de Curso no Programa Universidade Aberta do Brasil. **Revista Electrónica Iberoamericana Sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 10, p. 92-107, 2012.
- BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educação e Sociedade**, n. 78, p. 117-142, 2002.
- BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. 115 p.
- CASTRO, J. M.; LADEIRA, E. Gestão e planejamento de cursos a distância (EaD) no Brasil: um estudo de casos múltiplos em três instituições de ensino superior. **Gestão e Planejamento**, v. 10, n. 2, p. 229-247, 2009.

CONCEIÇÃO, S. C.; SILVA, B. D.; PAGOTTO-EUSÉBIO, M. Representações Sociais de Docentes e Alunos sobre Educação a Distância Online: Resistência e/ou Preconceito? In: Congresso Internacional sobre Avaliação em Educação, 2., 2011, Braga. **Anais...** Braga: CIAE, 2011.

DURAN, M. R. et al. Os polos do Sistema UAB e seus coordenadores nas Regiões Nordeste, Norte e Sul. In: Simpósio Internacional de Educação a Distância, 1., 2012, São Carlos. **Anais...** São Carlos: SIED, 2012.

ELIASQUEVICI, M. K.; PRADO JUNIOR, A. C. O papel da incerteza no planejamento de sistemas de educação a distância. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 2, p. 309-325, 2008.

GHEDINE, T.; TESTA, M. G.; FREITAS, H. R. M. Compreendendo as iniciativas de educação a distância via internet: estudo de caso em duas grandes empresas no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 3, p. 427-455, 2006.

HANNA, D. Organizational Models in Higher Education, Past and Future. In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. (Org). **Handbook of Distance Learning**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 67-78.

JOIA, L. A.; COSTA, M. F. C. Fatores-chave de sucesso no treinamento corporativo a distância via web. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 4, p. 607-637, 2007.

LEVY, S. Six Factors to Consider when Planning Online Distance Learning Programs in Higher Education. **Online Journal of Distance Learning Administration**, v. 6, n. 1, 2003.

MAIA, M. C.; MEIRELLES, F. S. Educação a Distância e o Ensino Superior no Brasil. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, p. 1-19, 2003.

MILL, D. et al. O desafio de uma interação de qualidade na educação a distância: o tutor e sua importância nesse processo. **Cadernos de Pedagogia**, v. 2, n. 4, p. 112-127, 2008.

MILL, D. et al. Gestão da Educação a Distância (EaD): noções sobre planejamento, organização, direção e controle da EaD. **Vertentes**, v. 35, p. 9-23, 2010.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância – Uma Visão Integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 398 p.

NASCIMENTO, C. O. et al. O Desenho Organizacional da EAD: uma experiência no âmbito do NETTAD. In: Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, 8., 2011, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: ESUD, 2011.

NEVES, I. S. V.; FIDALGO, F. S. Docente virtual na educação a distância: condições de trabalho na rede privada de ensino. In: Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, 1., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: SENEPT, 2008.

NOVAIS, S.; FERNANDES, A. S. A. A Institucionalização do Ensino a Distância no Brasil: o caso da Graduação em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 29, p. 173-201, 2011.

OLIVEIRA, E. S. G.; REGO, M. C. L.; VILLARDI, R. M. Aprendizagem mediada por ferramentas de interação: análise do discurso de professores em um curso de formação continuada a distância. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 101, p. 1413-1434, 2007.

ROESLER, J.; SARTORI, A. S. A gestão de cursos superiores a distância. In: Colóquio Internacional de Gestão Universitária, 4., 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 2004.

SABA, F. Distance Education Theory, Methodology, and Epistemology: A Pragmatic Paradigm. In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. (Eds.). **Handbook of Distance Learning**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 3-20.

SIQUEIRA, V. L. A.; MORAES, R. A. Representações em educação online: a perspectiva do aprendiz. **Unimontes Científica**, v. 5, n. 1, p. 1-12, 2003.

TAROUCO, L. M. R.; MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. O professor e os alunos como protagonistas na educação aberta e a distância mediada por computador. **Educar**, n. 21, p. 29-44, 2003.

ZUIN, A. S. Educação a Distância ou Educação distante? O Programa Universidade Aberta do Brasil. **Educação e Sociedade**, n. 96, v. 27, p. 935-934, 2006.

Recebido em 2013-03-05

Publicado em 2013-06-11